

Economia, especulação e governo

RUY NUNES

Não é fácil governar em qualquer tempo, e é muito difícil prestar a vida de um país onerado por montanhas de dívidas, num clima de inflação e demagogia. De regra, os cidadãos empregadores e endinheirados só se preocupam com a perspectiva dos próprios lucros, e não se amofinam com a sorte do povo. Essa atitude, entretanto, acaba por ser contraproducente, às vezes, para os que apostam na própria esperança e na falta de sorte dos demais. O vício oculto que alimenta essa atitude, inconveniente ao bem público e nacional, deriva da crença primária dos economistas liberais de que a ordem econômica é autônoma quanto à moral, e de que as coisas se arrajam espontaneamente no mundo dos negócios, entregue ao balanço da lei da oferta e da procura, como se todos os negociantes fossem inocentes por natureza, e como se as leis econômicas brotassem apenas do seio de um acaso feliz e benfazejo. Só os sonhadores inveterados, porém, imaginam que a vida econômica dum país possa ficar largada à mercê dos azares da fortuna e da Bolsa. Os governantes competentes, ao invés, devem saber que, se a economia comporta uma teoria que descreve e fotografa a realidade do mercado, do trabalho, do salário e do lucro, e lhe rastreia as leis, ela implica, também, necessariamente uma política que a orienta para os ideais de justiça. Os economistas liberais afirmavam em tese que a economia é independente da moral, mas, na verdade, como observa Yurre, eles se baseavam nas morais da espontaneidade. O laissez-faire econômico, diz Yurre, inspirou o laissez-faire moral. O valor econômico serviu para inspirar a filosofia dos valores, e da Ética fundada nessa filosofia ("Yurre, 'Ética'. Editorial Iset, 1969, pág. 35).

Ora, uma vez que a promoção do bem-geral dos cidadãos, do bem comum da república, constitui medida de alta política e, portanto, ética, cabe plenamente ao governo o direito de intervir na vida econômica da nação, quando a cegueira dos empresários e a catúrrice ou a solécia dos sindicatos ameaçam a paz interna, o equilíbrio econômico e político do país.

Consciente dessas dimensões do problema econômico, e voltado para o inarredável aspecto humano e ético da economia política, John Maynard Keynes declarou há muitos anos: "Assim

sendo, dirijo o peso da minha crítica contra a insuficiência de bases teóricas da doutrina do laissez-faire, que me foi ensinada, e que eu ensinei durante muitos anos, contra a idéia de que a taxa de juros e o volume dos investimentos se ajustam automaticamente ao nível ótimo, de modo que toda a preocupação com o balanço comercial seja tempo perdido; porque nós, professores de economia, temos sido culpados de presunçoso erro, ao considerar com obsessão pueril o que durante séculos foi o objetivo principal da arte prática de governar" (Keynes, Notas sobre o Mercantilismo, as Leis contra a Usura, a Moeda Selada e as Teorias do Sub-consumo, in "Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro". R.J., Fundo de Cultura, 1964, pág. 322).

Nessa linha de pensamento podem inscrever-se valiosas considerações expendidas pelo experiente financista húngaro, André Kostolany que, embora seja um especulador notável, revela possuir o senso da dignidade humana e boa formação humanística. No seu atraente e instrutivo livro "Wunderland von Geld und Börse" ("El fabuloso mundo del dinero y la Bolsa". Barcelona, Editorial Planeta, 1985) pondera Kostolany: "Sem embargo de, na atualidade, chamarmos de livre o mercado, realmente este não é 'livre', uma vez que os dois elementos mais importantes da economia, salários e energia, são ditados por dois importantes grupos de pressão: os sindicatos e os países produtores de petróleo" (ib., pág. 47).

No que tange à responsabilidade social dos empresários, adverte o grande especulador da Bolsa que nos institutos financeiros existem almas boas e ovelhas negras, "mas uma coisa é segura: um grande banco não pode limitar-se a ser uma empresa dedicada a fazer dinheiro, mas quase deveria ser uma empresa de subministros. Em nenhum caso, sob nenhuma circunstância — independentemente dos benefícios que disso pudessem obter — deverão atuar contra os interesses gerais" (ib., pág. 195).

Especialista na área da especulação na Bolsa, Kostolany adianta sérias afirmações sobre a economia de mercado, que os nossos governantes e economistas fariam bem em meditar. "Sempre tenho estado a assinalar, diz ele, e já o indiquei várias vezes neste livro, que a especulação é um motor legítimo da livre economia de merca-

do. Todavia, ao mesmo tempo, penso na especulação de valores no mercado de capitais, e na manipulação dos preços das divisas ou de algumas mercadorias para fazê-las subir ou baixar. Isto só pode debilitar e degradar nosso sistema de livre economia de mercado. E isso escrevo eu, que sou partidário convencido dessa economia de mercado, e precisamente em consideração à sua função social" (ib., pág. 228). E tem mais. Referindo-se às transações dos bancos, em divisas, sentencia o grande especulador húngaro: "Assim, à vista do corpus delicti, eu poderia provar algo daquilo que, faz já muito tempo, estou plenamente convencido: que os grandes bancos do mundo livre são os responsáveis pelo caos que reina no mercado mundial".

Sem dúvida, a obra de Kostolany ensaja uma leitura apaixonante e profundamente instrutiva. Num sumário da história da Bolsa, ele mostra que a especulação, "no sentido mais nobre da palavra", existe desde os tempos de José do Egito, que a Bíblia apresenta como o primeiro especulador. Ele conta como na antiga Atenas se especulava com distintas moedas, como a especulação floresceu em Roma, tanto que o famoso orador e advogado Cícero ameaçou considerável fortuna, por meio de várias aventuras financeiras. Fala-nos de sir Isaac Newton, o imortal descobridor das leis da gravidade, que falhou na especulação bolsista, a tal ponto que proibiu se pronunciasse na sua presença a palavra Bolsa. Ao perder todo o seu dinheiro numa crise da Bolsa londrina, Newton exclamou: "Posso calcular em centímetros e em segundos as órbitas dos corpos celestes, mas sou absolutamente incapaz de prever até onde a cotação da Bolsa pode arrastar uma multidão histérica". Entre muitos vultos ilustres, Balzac e Spinoza foram bolsistas, e Voltaire, sobre especular com terrenos e grãos, foi contrabandista de divisas.

Kostolany admite que a lógica da Bolsa que esconde, de feito, vários fatores de azar nada tem que ver com a lógica quotidiana, e, das suas observações sobre as intervenções dos governos de vários países nos negócios financeiros, se depreende que, acima desse mundo fabuloso da especulação na Bolsa, "um império, diz ele, no qual o sol não se porá jamais", precisa patinar, vigilante, a direção superior, prudente e oportuna do governo.